



CONTO

Corte

MODESTO CARONE

Surpreendi o esquilo na escrivaninha quando me sentei para responder a uma carta de pêsames. Embora esse tipo de obrigação me incomode, naquele momento meu limiar de resistência tinha chegado a um nível razoável. Foi estimulado por ele que resolvi dedicar uma parte da manhã à expressão dos meus sentimentos. Eu acabava de tomar café e reparava que a fumaça do cigarro tingia de azul o sol que vinha da janela. Interpretei o fato como uma motivação ao trabalho e abri a gaveta para pegar o lápis e uma folha de papel. É evidente que comportamentos dessa natureza estão automatizados a ponto de ninguém perceber que os realiza. No meu caso os músculos se articulavam de um modo tão minucioso que não me importei com o que se mexia no fundo da gaveta. Ao passar o dedo no dorso do lápis levei uma mordida: o esquilo roía logo ali. Naturalmente recuei o mais depressa possível, pois a dor e o espanto me dominavam. Apesar disso mantive a distância adequada para observar o animal — seu pescoço ia de um lado para outro e as patinhas raspavam metodicamente o fundo de madeira. Acredito que meu primeiro impulso foi bater a gaveta para obrigá-lo a se retirar, mas me contive o suficiente para não apavorá-lo. Ele afiava os dentes na grafite e fixava os olhos no meu rosto; enquanto isso os pêlos do corpo emitiam um halo que se multiplicava no tampo da escrivaninha. Procurei decifrar os sinais a tempo, mas não consegui reconhecer o menor sentido neles; a demora foi fatal porque o verniz não os segurava. Convencido de que a impotência ameaçava o meu dia, empurrei a gaveta em silêncio e saí do escritório disposto a tapar a ferida com uma tira de esparadrapo.